



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XX — N.º 502 — Preço 1\$00
8 DE JUNHO DE 1963

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

NOTA DA QUINZENA

«Depois da tempestade vem a bonança». E só damos o verdadeiro valor à bonança, depois da tempestade. É tão fácil cairmos na inércia, na rotina, no comodismo. Há necessidade, de vez em quando, de alguma coisa que nos sacuda e nos acorde e nos obrigue a sair de nós mesmos e a voltar-nos para os outros.

Tem sido assim com esta Nota da Quinzena. Levar a inquietação salutar às consciências adormecidas. Levar-lhes a tempestade para apreciar devidamente a bonança que se lhe segue, se alguma coisa fizeram por ela.

E é assim que vos podemos transmitir a alegria de saberdes resolvido o problema daquele casal da penúltima Nota. Hoje mesmo estivemos com ele. Como é diferente o seu estado de espírito.

A renda de casa já não é pesadelo, pois uma rapariga amiga da Obra tomou-a a seu cargo. Mais, sentiu-se na obrigação de a tomar a seu cargo enquanto for preciso. Além disso, há esperança de que, em breve, possa retomar o trabalho.

«Depois da tempestade vem a bonança». Ninguém melhor do que aquela rapariga será capaz de saborear a paz de que goza depois de ter feito tudo quanto podia para amainar a tempestade que pairava naquele lar.

Muitos outros sentiram o abalo e acorreram a dar a mão. Mas ninguém, talvez, como esta rapariga que não desiste enquanto não tiver a certeza de que

a borrasca desapareceu. «Sente-se na obrigação de o fazer enquanto fôr preciso», eis a característica. É que nós cansamo-nos com facilidade. Somos capazes de dar a mão uma vez, e não ter força para perseverar «enquanto fôr preciso.»

Está aqui, por certo, o segredo da resolução de grandes problemas.

Se os homens quisessem, a Paz seria uma realidade. Dêem-se as mãos! Aguentem-se de mãos dadas!

Aquele caso da última Nota também está em vias de solução.

Quem me dera que visseis aquela mãe quando apareceu a primeira vez trazida por mãos amigas e a voltásseis a ver agora, depois do seu regresso do hospital com o seu pequenino doente! É outra. A esperança voltou. Já não se sente só. Vê que os outros se preocupam com os problemas que a afligem. Que ajuda preciosa para a sua vida!

Mas há que perseverar!

P.e Manuel António

Como gosto deste fervilhar de ideias, pelo amor à causa que ele exprime! A propósito do Totobola têm continuado muitas e muitas cartas a oferecer sugestões—que a cada signatário a sua parece tornar a coisa viável. Eu não as tenho publicado para não levantar fogueira de um braço que ainda não apagou nem é de apagar, mas que também ainda não será a oportunidade de reincendiar.

Hoje é outra lembrança que vem pela pena do «Muito amigo Sócio n.º 17230 do A. C. P.».

«Meus bons Amigos:

Já devia ter escrito há mais



Aqui Angola — Quanza Norte. Um pequenino aldeamento para leprosos, que o nosso P.e Telmo lá deixou antes de regressar.

PATRIMONIO DOS POBRES



tempo, mas tenho falta dele.

Infelizmente o Totobola não deu nada. É bem certo o ditado que diz: no jogo poucos são os que ganham.

Vamos ao assunto da m/ carta.

Acabo de receber o relatório do Automóvel Club de Portugal, o qual tendo sempre à frente dos seus destinos homens bons, cada vez se torna mais admirada a sua Administração.

No mesmo relatório verifica-se que o número de sócios é de 44.000! Não seria admirável que se todos quisessem concorrer com 1\$00 mensal para o «Património dos Pobres» quantas casas

se arranjariam com tão pequeno sacrifício!

Apele no Gaiato para os sócios e para todos os da Direcção do Club e uma vez lançada a semente estou convencido que germinará. Virão naturalmente muitas ideias quanto à forma do pagamento, que havia de ser feito conforme a maneira como os sócios costumam pagar: ou mensalmente ou anualmente. Todas as casas feitas com o produto deste dinheiro levariam bem visível o emblema do A. C. P., e quando passassem pelas estradas os nossos automobilistas e os automobilistas estrangeiros, saberiam que os que andam de carro, que hoje é mais para trabalhar do que para passear, não esquecem aqueles que nem casa têm».

Ora isto na verdade é simplíssimo. Quem tem carro e é sócio do A. C. P., ainda que «hoje seja mais para trabalhar do que para passear», não irá à bancarrota por 1\$00 de acréscimo mensal na sua cota. E como a operação de multiplicar transforma o pouco em muito, aí teríamos nós os 10 tostões de cada transformados em 44.000 deles — o que daria aproximadamente o custo real de duas casas em cada mês. Não era muito, eram só 24 casas por ano! Se descermos do abstrato ao concreto e comungar.

mos, ao menos *in mente*, no desconsolo de uma família que não tem casa digna do nome de Lar — talvez experimentemos a riqueza colectiva que seriam aquelas 24 casas e com certeza antegozaremos na ânsia de a gozar, a alegria de «quando passarmos pelas estradas» vermos que «os automobilistas não esqueceram aqueles que nem casa têm».

O plano é pois simplicíssimo. Tão simples, que eu fico já cheio de dúvida sobre a sua chegada a bom termo!

Em todo o caso, não quero ser soberbo nem incrédulo, e vou fazer como nos sugere o nosso «muito amigo sócio n.º 17230 do A. C. P.»: vou mandar um jornalinho com este artigo assinado, à Direcção do Automóvel Club — e vamos a ver!...

Entretanto, — e agora que já se escoou aquela valente enxurrada do donativo de Hong-Kong, que nos permitiu pôr o Património em dia — volto a dizer aos Párocos que nos escrevem por auxílios e a quem eu ponho em bicha, à espera de melhores dias, volto a dizer-lhes, como há vários meses vinha fazendo: — Ponham os vossos Pobres a rezar para que Deus nos ajude a ajudá-los.

E aqui para nós: É na eficácia desta oração que eu ponho toda a minha confiança!

Visado pela
Comissão de Censura



Não seria cristã, nem sequer portuguesa, uma aldeia sem a sua capelinha. Ei-la.

Campanha de assinaturas

DO MINHO AO ALGARVE

É uma procissão tão comprida que ainda hoje não é possível sair toda prá rua!

Na vanguarda segue uma combatente da primeira linha. Prestem atenção:

«Estando professora na Escola Secundária de S.ta Comba Dão e verificando o desconhecimento quase total da vossa obra nesta terra, resolvi ocupar uma das minhas aulas, em cada turma, falando da vossa obra e de vós.

Consegui entusiasmar muitos dos meus alunos a serem vossos assinantes e junto a esta seguem as listas daqueles que logo se propuseram, esperando, no entanto, que estes novos assinantes consigam entusiasmar os próprios colegas, a tornarem-se leitores do «Gaiato» e a lerem a «Campanha de assinaturas».

Como o próprio Colégio tem um jornalzinho cujos redactores e colaboradores são os próprios alunos, pedi ao Secretário para se vos dirigir pedindo e tornando-se assinante dum número para o próprio Colégio e para a leitura de todos aqueles que o frequentam.

Logo que conseguir mais, também eu mandarei nomes de outros assinantes.

Estou confiada que irão ser bons amigos da obra, tanto mais quanto a sua idade e a sua compreensão aumentam porque alguns têm apenas 10 anos de idade, frequentando ainda o 1.º ano do liceu.

Sem outro assunto deseja-vos muitas felicidades uma vossa assinante e admiradora».

É uma carta formidável, sob todos os pontos de vista. Entretanto, vieram já quatro listas cheias de gente nova — «porque alguns têm, apenas, 10 anos de idade». Em cada uma delas, porém, sua caligrafia. O 1.º ano aparece com 16, o 2.º com 17, o 3.º com 9 e o 4.º com 5 assinantes! Um total de 47 novos leitores. Viva a Escola Secundária de Santa Comba Dão!

Quem dera que outra, Escolas lhe sigam o exemplo. Ó revolução! Sim, porque nos jovens está o futuro do mundo. E se «os novos escolhem Deus» — amando os seus irmãos Pobres — a Paz de Cristo será base firme e invencível de Paz Social.

Não fosse o espaço limitado de que dispomos e ofereceríamos «material» para metade do Famoso! Temos cartas tão vibrantes, tão simpáticas, que botá-las pró cesto seria uma falta indesculpável. Ora aqui vai mais uma. É de Coimbra:

«Sou leitora e amiga dedicada do Gaiato. Tenho pena de ter levado tempo a descobri-lo. Mais vale tarde que nunca...

Emprestei o número do Natal (que eu achei magnífico!), a uma amiga minha, depois de já lhe ter falado nele várias vezes. O jogo pegou... e espero que tenha conquistado mais uma que ajude na «revolução»!

Ela pede-me que lhe arranje uma assinatura, diz que prefere, se for possível, o sistema de cobrança. Eu não sei se o usam, mas, penso que não será obstáculo a que ele siga em grande velocidade, pois não?

Bem hajam pelas transfusões de coragem nas horas de maior desânimo!»

Ó beleza!
Só de joelhos e olhos na Cruz é possível viver e sentir testemunhos assim! Testemunhos de Amor—capaz de revolucionar as almas mais empedernidas.

Sim; a cobrança não faz parte activa do Famoso. Mas aceitamos a vontade de quem se manifesta por ela. Todavia, reafirmamos as nossas condições — o assinante paga como, quanto, quando e se puder. Tão fácil...

Mais Foros de Carapuções (Ribatejo); Celorico da Beira, Muro e Leiria uma data de vezes; Vila Nova de Gaia, idem; Barragem da Caniçada e do Rabagão; Barrozelas, Pinhel e tomem nota deste postal. É do Sítio da Nazaré:

«Quem escreve o postal é até um rapaz que já foi gaiato, isto é não é a pessoa com o nome do remete. Vinha pedir por meu intermédio a assinatura do jornal «O Gaiato» no tempo da minha patroa. O tempo tão ocupado por V. não permitirá dar-me uma resposta?

Estou desejoso, assim como a minha patroa, de ler «O Gaiato».

Ora se não! Onde houver um Gaiato deve estar o Famoso. É uma companhia inseparável.

Agora, temos Paço d'Arcos e Castelo Branco; Chamusca, Estremoz, Vila do Conde e Covilhã; Maiorca, Elvas (a minha terra!), Sacavém, Rio Tinto, S. Mamede d'Infesta; e Braga, comparecendo em cheio, espera, no entanto, e com ansiedade, a nossa visita:

«Embora nada possa dizer em minha defesa confesso-lhe que era para escrever esta carta há mais tempo, mas (há sempre um mas, não sei se já reparou)

houve duas coisas que me impeliram a tal: — primeira, indicar-lhe o nome de um novo assinante, que é meu irmão, e a segunda, muito mais importante, é não ter visto o nome de Braga nas cidades a visitar na vossa annual.

Vamos ficar sem a vossa presença ou quê?

Espero que não, pois já estou habituado a ver-vos no palco do Teatro Circo desta cidade e ouvir aquele senhor Padre alto de cara comprida que tão bem abre o coração perante todos nós...

Portanto, quero saber quando vêm cá e espero que não seja muito tarde.

Gosto bastante do v/ jornal que nos vem dar um contacto mais real com o mundo que nos rodeia.

Por hoje não lhe roubo mais tempo e estou certo que não faltarão este ano à visita aos vossos amigos desta cidade, e aqui para nós, estive no missa no gaiato que vendia o jornal, em como estavam as coisas, mas depois passou».

A Campanha, como não podia deixar de ser, anda de mãos dadas com a festa, com as festas. Elas despertam e renovam o interesse dos nossos Amigos. Isso é que não há dúvida. E aqui tendes mais uma confirmação:

«Sabe, conheci o Fundador dessa obra.

Conheci o «Tio Amériquinho», como as sobrinhas o tratavam antes da grande pancada que o

Cont. na pág. TRÊS

TRIBUNA de Coimbra

Começa a Confraria da Rainha Santa com uma lembrança de três mil escudos. Os devotos da que foi santa e rainha não a podem honrar e venerar melhor do que em imitá-la nas suas virtudes e a maior foi a da Caridade. Mil da Lousã para agasalhos; cinco mil deixados por um sacerdote da diocese de Leiria; várias lembranças e agora oito mil de um sacerdote e sua irmã que tem passado uma vida toda de pobreza. Só assim se compreende que, sendo pobres, vão entregando aos Pobres o fruto das suas economias.

Vinte de promessa a S. Brás; 122\$50 do grémio da Panificação; um pacote de roupa da cidade da Beira; um embrulho de roupas usadas; cem por um filho de casal do senhor da Serra; 50, mais 50, mais 50 de uma portemozense em Leiria; muitos 20 de Avó de Leiria; 20 de idas a cinema a que não fui. Não há valor de oferta como o da renúncia. Vários objectos de ouro e prata; duzentos no Castelo; mais 360 no Castelo; 4.690 de Lisboa. Foi alguém que quis renunciar a eles e não esqueceu também pessoas de família em aflições.

Cem da Lousã de pessoa aflita com doença; 40 a pedir as melhoras; sete argolas de ouro de Avó feliz de Tomar; 50 no Castelo; 1.260\$ de Professora oficial. Talvez o primeiro ordenado! Não quis que as mãos e o coração se

apegassem para a vida àquilo que só nos pagões se compreendia: o dinheiro. Quinhentos para a assinatura; 10 dólares e mais dez de Alberto do Canadá; 20 em Santa Cruz; 50, mais 50 das Caldas; 300 no Lar, para o Calvário; 1.500 para um furgoneta de mercearia por alma de Senhora que muito nos estimou e que muito também estimávamos.

Cem no Castelo; cinquenta de Amigo doente por seus mortos; 20 em Santa Cruz; 50 no Lar, de Mãe agradecida pelo filho; 20 para o Calvário; 20 para o Calvário; 20 para alma dum sobrinho; 20 da Carapinheira; 400 das Amiguinhas de sempre. Quando é que elas me dão o prazer de as conhecer? Duzentos de Vilar Topim; 50 de visitantes; cem na visita de alunos do Liceu D. João III; Açúcar de Tomar; 10 francos da França; 125 de uma leiriense que muito nos quer; amêndoas; 500 no Castelo para o Calvário; 300 da Senhora sempre presente nos dias de festa; 250 da Auto-Industrial; cem do casal vizinho pela mão de duas filhinhas. Fico sempre tão contentes quando vejo os pais a fazer assim aos filhos.

Cinquenta na minha aldeia; 350 para os nossos Pobres; 10 na Lousã ao vendedor; 300 e mais cem entregues aos sacerdotes de Santa Cruz; 50, mais

Continua na página QUATRO



VISTAS DE DENTRO

REDONDO é o guarda dos porcos. Há dias, num corrido desabrida atrás do porco macho: — Ah ladrão se voltas a pisar as couves digo ao Sr. Padre!
E sorriu para mim cheio de inocência e bondade.
— Como vai a tua vida, Redondo? — perguntei-lhe.
— Só querem andar dum lado pró outro, mas eu chego-lhes.

X X X

DISSE, por brincadeira, ao Ti João, que estava cavando um alicerce:

— Naquela parte mais funda, ponha o Periquito.

Periquito sorriu e desfechou: — A alma quando for pró céu não cai?

— Não, não vês que ela é espiritual, não pode cair.

— Mas o nosso corpo é comido pelas cobras e pelos bichos, depois já não somos nós — disse ele.

— Mas, no fim do mundo, pelo poder de Deus, ressuscitaremos todos — com o nosso corpo; voltas a ser o Periquito.

— E não caímos porque o Céu também não cai.

— Ó Periquito! — chamou zangado o Ti João.

Ti João Manco não quer saber de filosofias, o que eie quer é padiola cheia, padiola vazia. Ora ao Periquito sabe muito bem uma sorninha.

X X X

O Júlio é o «Tira-olhos», que, aqui para nós, é um fenómeno.

Estragou-se o ferro de pa'ssar, Tira-olhos; apagou-se a luz, Tira-olhos; é preciso óleos motores, (ele, há dias no «Morris» pôs festa, Tira-olhos na

cozinha e no refeitório, com o seu fato de macaco.

Depois do almoço, quando todos se espalharam pelos recreios, salas, sombras e exterior..., aí vai ele, venida fora, despachando modinhas de enfiação na velha concertina, sorrindo, ao mesmo tempo, com seus dentes todos.

Mas há mais: Tira-olhos está montando a instalação eléctrica no Lar do Porto. Sr. P.e Carlos já disse: «Aquilo vai dar tamanho estoiro!» Queira Deus que não, Tira-olhos.

Padre Telmo

O QUE NOS DÃO A Tojal



nossa falta de notícias tem sido um esconder de luz por baixo do alqueire. Graças a esta luz sempre acesa, temos conseguido encaminhar com equilíbrio a Casa no dia a dia, sem grandes privações e, verdade seja, sem demasiada preocupação com o amanhã.

É até a maior razão da nossa segurança este fluxo constante da

Caridade, que de pequeno não nos deixa em passividade perigosa e de espontâneo e sempre imprevisível nos confirma que às vezes Deus aperta, mas não afoga.

Vieram a nossa Casa os funcionários do Instituto Maternal (sede) com esta bela legenda de amigos: «Pai Américo continua vivo. O nosso intuito seria mostrar estarmos tão vivos como ele. Prouvesse a Deus que isso fosse possível. Para tal pedimos as vossas orações».

Fomos à R. Rodrigo da Fonseca por uma cama para os nossos Pobres. Três irmãos de Santa Iria de Azoia vieram até nós com 150\$00. E uma promessa com mil. Outro tanto e mais duzentos para Missas da filha da Sr.^a do Pão que Deus tem. Da casa da Mãe Irene trouxemos 560\$00 de ass. e donativos e da Rua Saraiva de Carvalho cem. Igual de Cebolais de Cima. Da Sacor mil e metade de J. J. Jerónimo. Para o que for mais preciso, cem do assinante 25235.

Os Empregados de L'Air Liquide têm sido constantes todos os meses com 20\$00. Se em todas as Casas onde em Lisboa trabalha um coração amigo se seguisse o exemplo teríamos Lisboa depressa conquistada. Querem ver? Quatro mil dos Funcionários das encomendas Postais da Rua da Palma. Não descansaram desde o dia que nos trouxeram o Luisito que tinha sido abandonado pela desnaturada mãe, que na mesma altura abandonou o mais pequenino com quinze dias. Com o seu carinho têm-no tomado bem por um filho. Assim lhes pudésemos nós dar a alegria de o Luís vir a ser um grande homem. Mas ele é tão atrasadito. É um entre dezenas cá de Casa. Empregados da Mobil com 2960\$. Onde há tantos anos o senhor Jonet se fez cruzado do Pai Américo está hoje uma Empresa inteira de amigos fiéis que toma os filhos de ninguém como seus. Quer Luanda ou Santa Maria, quer Lisboa, são os amigos da Mobil inconfundíveis. E agora há tempos outro grupo encabeçado por outro amigo da primeira hora J. F. Pereira, do Banco de Portugal. São 5.439\$00 para a Casa do Tojal, mais 2.830\$00 de assinaturas e mil e quinhentos para o Património dos Pobres. Onde mais Bancos como o de Portugal e onde mais amigos como os da Mobil?

Vários subscritores le Loures pela mão da D. Nely nos enviam todos os meses as suas cotas. São: M. Eugénia Ferraz, o senhor Alentejano, Etelvina Fernandes e Henrique Lopes mais o senhor Mata e o Matos Garcia. O nosso bem hajam, bons amigos. Num sobrescrito da senhora que pediu pelo «70

gramas» cinco mil. E mil e quinhentos da Petroquímica. De alguém a pedir uma oração 50\$00. De quantos nos enviam a sua ajuda quem o não faz como quem reza e por quem não rezamos nós?

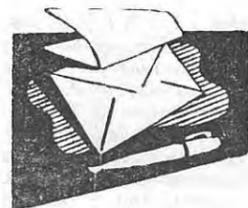
Dum senhor alegre 50\$00 de assinatura e a alegria de tapar um buraco com outro tanto. Se todos fossem deste tamanho... E igual duma pecadora. E um pecador no Montepio, (quando virá aqui o

Cortejo do Montepio em forma?) um pecador no Montepio com várias e avultadas importâncias para o Calvário, Património e Belém e para nós e para aquela família do tuberculoso de 28 anos que falava o Gaiato de Abril. De James Pearce cem por várias vezes. E por vezes sem conta aqui tem aparecido agora o «Womens Voluntary services» pela mão da sua Presidente com muitas roupas e bons remédios, açúcar em sacos e em pacotinhos de cafés e sopas condensadas que são uma delícia e vão-no ser mais ainda quando chegar o tempo da praia. E outro senhor inglês, E. Silvers com roupas, revistas e quinhentos esc. Estamos sinceramente gratos também às Senhoras escandinavas que nos têm visitado e à Igreja Dinamarquesa onde fomos buscar inúmeros embrulhos com roupas. Não vi lá Sacário nem Crucificado mas vi muita alegria no receber um Padre católico e pôr-lhe nas mãos tantas vezes indignas tantas coisas boas, que me pareceu bem que o Senhor mora lá dentro! Oxalá habite sempre em recompensa na alma de todos vós.

Padre José Maria



O Rogério. O nosso Rogério. «Como ele está agora!»



Uma Carta

«Estou em férias e quase na disposição de pôr toda a correspondência em dia. Tirei umas fotografias e foi este o motivo próximo pois pensei em lhe enviar o Rogério, em fotografia está claro, como ele está agora.

A crescer cada dia mais, a comer cada vez melhor e a estudar muito benzinho. Dentro de dois meses estará na 3.^a classe, sendo um dos melhores alunos da classe.

Irrequieto como sempre (felizmente), tem uma maneira de ser a atirar para o lado da piada nas respostas que dá, fala muito bem, aplica os termos devidos e às vezes sai-se com cada frase que nos deixa de olhos arregalados. Com os termos próprios metidos no devido lugar.

O pior é que nas noites de trovoadas tem medo e vem chorar para a nossa cama.

Foi recentemente vacinado com a Tripla-Vacina (contra a Difteria, Tosse convulsa e Tétano) já o tendo sido contra a Paralisia infantil.

Não pode ser vacinado contra a tuberculose porque a reacção continua a dar positiva.

Continua a ser muito meigo, especialmente quando estamos doentes. Fica logo aflito e não sai de pé de nós. Basta dizermos que estamos com dores de cabeça para todo o dia nos andar a perguntar se estamos melhores.

Conforme já informei fui aconselhado por um advogado amigo a aguardar pela Lei da Adopção para o perfilhar pois que automaticamente ficaria com todos os direitos de filho legítimo.

Quanto ao Renato, quando aí formos veremos o que resolver.

Vou ver se consigo que o Rogério escreva uma carta para ainda ir junto a esta. Agora está a dormir.

Saída-o com amizade».

TRABALHO

Com o objectivo de valorizar e actualizar as nossas Escolas Gráficas, em Paço de Sousa — oferecendo melhores oportunidades de aprendizagem aos nossos Rapazes — adquirimos, recentemente, uma nova máquina de impressão; uma «minerva» automática, cujas qualidades específicas além de nos permitirem descongestionar o serviço — que, por vezes, se amontoava extraordinariamente — melhoraram, em cheio, a execução de trabalhos de certa responsabilidade. Resolvidos, porém, estes problemas da oficina, deparamos agora com outro, consequência natural da entrada em funcionamento da nova unidade: falta trabalho para conseguirmos pôr em andamento regular todas e cada uma das nossas «minervas». Não há dúvida que a mais recente, automática, é «boca de leão». Um sorvedouro! Mas temos de a manter, de lhe fornecer serviço — assim como a todas elas. Não com objectivos mercantis — fora da nossa linha de rumo. Mas para ocuparmos os nossos pequenos impressores oito horas diárias, os quais, amanhã, já de barba na cara, serão Operários que, pelo seu aproveitamento técnico e moral, poderão ser esteios firmes no meio onde exercerem suas funções.

Dirigimo-nos, pois, a todos os nossos leitores: Gerentes de empresas ou Empregados. No reino da papelada dos vossos escritórios, fábricas e estabelecimentos, incluam, por favor, a nossa Tipografia como fornecedora de parte do vosso consumo de envelopes, facturas, blocos, etc.; de todo aquele género de papelada indispensável a serviços de expediente e contabilidade.

Júlio Mendes

Campanha de assinaturas

Continuação da página DOIS

leveu ao Altar e à Fundação da Santa Obra.

No dia 9 mandei uma carta e um vale para pagamento de assinaturas, etc.

Naquela carta indiquei duas novas assinantes e mandei até, logo, o dinheiro dessas assinaturas.

Venho hoje enviar uma nova assinante, cuja importância será oportunamente remetida por mim.

As tais duas novas assinaturas e agora mais esta, foram uma consequência de, a propósi-

to da minha ida e de minha mulher ao Coliseu, no dia 7, eu falar da recita e a propósito desta do resto da Obra que, infelizmente, muita gente ainda desconhece, o que, de maneira alguma tem razão de ser.

Tome lá, pois, boa nota, do nome que indico.

Se fôr possível, providencie para que seja enviado já, a esta Senhora, o n.º do dia 13».

E pronto. No próximo número, se for possível, continuaremos.

Júlio Mendes



PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

VISITANTES — Temos ultimamente recebido visitas de amigos da Capital. No dia 19 de Maio foram os alunos do 1.º e 2.º ano do Liceu de Camões. De manhãinho as camionetas da Bucelence deixaram-nos junto do nosso portão, para os virem buscar quando a tarde já findava. Foi, como tive oportunidade de ver, um dia cheio de movimento na nossa linda quinta que os alunos do Liceu Camões embelezaram ainda mais. Fizemos entre si jogos de futebol, voleibol, ping-pong e outros, sempre muito bem orientados por professores que os acompanharam. Eu quis tirar apontamentos do Campeonato de Futebol que realizaram, mas não me foi possível por motivo imprevisto. De qualquer modo, esta visita alegrou-nos muito e só é pena que outras escolas ou liceus não sigam o bonito exemplo do Liceu Camões. Os nossos rapazes tiveram oportunidade de contactar com outros rapazes da sua idade e ao mesmo tempo sentir um pouco de carinho que os nossos amigos alfacinhas nos dedicam. Queremos, entretanto, agradecer as ofertas

à Sr.ª Directora e aos Srs. Professores que acompanharam nesta visita, e para o ano, se Deus quiser, cá os esperamos.

MANUEL DOS SANTOS — Já todos tiveram conhecimento do seu casamento pelas notícias que se publicaram no último número. Mas ele precisa de montar a sua casa. Um Gaiato não é uma pessoa rica. Há necessidades. Por isso, se algum dos nossos leitores quiser oferecer alguma prenda, o Manuel dos Santos desde já agradece.

C. H. LORILLEUX — Não é um reclame. Não senhor. As boas casas não precisam de reclame para venderem os seus produtos. É antes um agradecimento à Direcção desta Casa de tintas de impressão. A nossa Tipografia nunca paga uma factura das compras que lá fazemos. E não são poucas. Mas é coisa já há muito provada que as Firmas que dão à Casa do Gaiato são aquelas que mais vendem. O Porto que o diga. A Lorilleux dá-nos muito e cada vez vende mais.

Que Deus os recompense.

PINTOS — Na altura em que estas linhas estão a ser escritas tivemos notícia de que a Senhora do Senhor Rodrigues, do Tojal, nos ofereceu 120 pintainhos. Todos os anos nos faz esta oferta que mais tarde vem enriquecer as refeições dos nossos rapazes. E não se ficam por aqui estes nossos amigos, porquanto nos oferecem muitas outras coisas.

Aproveitamos para assinalar a presença em ofertas, da Vivenda Mateus Pardal e da Sociedade Frigorífica, também do Tojal.

A todos o nosso muito obrigado.

Cândido Pereira

A garagem é para recolha, e os arcos são os seus veículos.

OS PASSARINHOS — e os passarões. Chegou o tempo deles. Eles — os rapazes — correm a quinta e as redondezas à procura de ninhos. Eles sabem quando devem tirá-los. Esperam a ocasião de eles poderem comer e então «roubam-nos» aos pais. Nós temos meditado se sim ou não devemos consentir nesta falta. E não nos dói a consciência, enquanto vimos eles de roda dos passarinhos, a tratarem e a velarem por eles. Isto é Amor: Hoje, dou a volta pela casa a ver como decorre a limpeza e o asseio. É domingo. Passo no refeitório e vou ver os aparadores. Abro as gavetas, e fiquei zangado com os refeiteiros: Numa gaveta, vi muitas lagartas dessas que há nas hortas. Chamei o «Matateu», e antes que ele se explicasse, eu ouvi o motivo daquela falta. Ao fundo da gaveta, um melro piava. É do Zé António — disse o Matateu. E eu, que ia ralhar por aquela falta de higiene, tive que me calar por via do zelo deles para com os passarinhos. As lagartas a passear na gaveta eram a reserva de alimentação de sua ex.ª o senhor melro. Enquanto houver disto nas nossas Casas, não seremos nós que vamos impedir que eles vão aos ninhos.

«É-vos permitido tudo, menos o pecado». Quando eles forem «criminosos», não diremos o que Pai Américo dizia dos passarinhos. E ele era muito amoroso na razão de ser dos passarinhos.

JARDINS e JARDINEIROS — Nós temos a fachada da nossa casa um encanto. Se então já era, agora mais. São os jardins, são os jardineiros a tratarem deles.

Os que andam na escola, têm o seu, conforme a classe.

Os da sapataria e os «bigodadas» têm o seu jardim. De todos, os jardins dos da escola são os mais vistosos. Além lhes tem dito que as plantas, para se desenvolverem bem, precisam de cuidados especiais, e canseiras sem conta da parte do jardineiro. Eu não sei, se estes rapazes sabem ver que também nós somos como as flores, como as plantas, também o homem tem em si algo de delicado, necessitando de cuidados para que possa florescer em nós a alegria, o Amor. Todos nós reparamos que o jardim dos grandes, por falta de cuidados, criou ervas. Essas ervas daninhas, estavam a comer o estrume que as plantas baviam de comer. Depois, eu e o António da Conceição cavámos a terra e arrancámos as ervas. Resultado: as plantas começaram a desenvolver e o jardim a ficar vistoso. Nós também temos ervas — todo o pecado — que não deixam que a alegria venha até nós. Dai, vemos que temos que arrancar essas ervas, e deixar que o Jardineiro trate de nós. Cuidado, rapazes, com as ervas que nos roubam a vontade! A vontade de VIVER bem.

Ernesto Pinto

tras coisas. Faz-nos falta um ou dois móveis para arrumarmos as nossas roupas. Não podem ser muito grandes, para caberem nos quartos. Os senhores não terão pelos forros da casa qualquer coisa que nos sirva?

O escritório tem dois armários, a secretária, uma mesinha e cadeiras.

A escola tem as carteiras, o quadro, a caixa métrica e a secretária de Senhora Professora.

A casa, mesmo assim, ainda é pequena, mas quando pudermos há-de ser aumentada.

A quinta — A quinta é muito grande. Tem campos cultivados e uma mata.

Já semeámos batatas, feijão, milho, e outras coisas. Temos muitas árvores de fruto como: pereiras, figueiras, macieiras, cerejeiras, etc. E um pomar de macieiras que foi plantado este ano.

Também temos porcos, coelhos e galinhas.

Somos nós que vamos apanhar a hortaliça para a cozinha. As mais pequeninas vão às pinhas e à caruma pela mata. Também já recolhemos as vides e outra lenha.

A vida do campo é muito alegre.

Os porcos — Eles não fazem mal, mas o Pintainho tem medo deles. No domingo a nossa Mãe, quando lhes foram deitar o comer, levou-nos para os vermos. Como o Pintainho era a mais nova pusemo-la à frente. Ela, muito aflita, pôs-se a dizer: ai que me estão a empurrar...

Eles não são de boa raça. A nossa Mãe comprou-os há muito tempo, para preparar o estrume para as terras. Já estavam na quinta e foram baratos. Mas agora precisamos de arranjar um casal deles que seja de boa raça. Vamos a ver se alguém nos ouve...

Fátima

PAÇO DE SOUSA

GRILLOS — É gri... gri... gri... por toda a parte. Eles aí estão, os grilos! Toda a gentinha de cá vai aos grilos. Eles habitam a nossa Aldeia desde o refeitório, escola, no trabalho, até as toquinhas que enchem os jardins e ribanceiras. Antes que esta nova geração chegasse, já toda a mata mais pequena havia arranjado suas gaiolas. As gaiolitas para os grilos dos rapazes são feitas ao gosto de cada um: umas de papelões, outras de arame e outras de tábuas de madeira fina. No telhado de cada casinha figura o nome do respectivo dono e nelas são adaptadas umas asas de coiro ou de feltro; em uma das frentes há uma abertura coberta de rede de arame por onde passa o ar fresco e a luz; lá dentro é uma farturinha de ervas tenras. Todos estes cuidados e carinhos dizem quanto a rapaziada gosta dos grilos.

FOI com muita alegria que no passado dia 2 de Maio se realizou na formosa capela da nossa Aldeia o noivado do Fernando Dias. Revestiu-se a cerimónia, muito simples, dum ambiente alegre e bonito.

Como é natural, o melhor da festa, foi o tacho, e então naquele dia nem se fala! Estes comeres já de larga fama cá dentro, foram o regalo e bem estar do dia; batatas assadas, bifes, mais arroz, creme e outras coisas bem saborosas, uma sopa com, é raro ver-se por aí! É claro que não podemos esquecer aqui quem nos preparou a jantarda desse dia: gratos estamos ao esforço do nosso cozinheiro Zé Alexandre.

Depois de festejado o acontecimento, tudo isto da parte de manhã, às 2 horas dirigimo-nos para as oficinas e escolas para começarmos uma tarde normal.

Orlando da Rocha Ferreira

Cantinho DOS RAPAZES

«Senhor Padre

(...) Como já tive ocasião de o informar na carta última, a disciplina aqui é muito rígida; uma falta por mais pequena que seja será punida com o máximo. Para exemplificar, basta isto: um colega meu foi apanhado a cabular na última prova a que fomos submetidos. O castigo foi 8 dias de prisão disciplinar e um zero no ponto; isto equivale a dizer que está liquidado para sempre. Um botão desapertado dá direito a corte de cabelo. Não há desculpas para ninguém e seja para que falta for. Segundo o nosso Comandante de companhia, temos de servir de modelo e por isso não há perdão para nada que seja mal feito.

Neste momento são poucos os que não sofreram qualquer castigo e inclusivamente há pelo menos dois que perderam o curso. Eu, por Deus, ainda estou incólume pois já vinha habituado a tudo e as bases que regem os meus princípios, sólidos como cepos, conseguí, durante os 14 anos que estive na Casa do Gaiato, têm feito prodígios. Não é para me gabar, mas devo ser o mais optimista de todos quantos aqui se encontram. Ando quase sempre a cantar. Será de alegria? Não, pois isto é demasiadamente duro para se andar contente! Mas acredite que fico radiante quando alguém diz:

— Só queria ter a tua alegria; ainda não te vi uma vez triste.

Eu então explico e dou-lhes a fórmula; porém são poucos os que a aproveitam.

Quem dera que nenhum de vós desperdiçasse a «fórmula» que vos oferece este irmão!

«Andar quase sempre a cantar», quando a alegria não vem de fora, — quer dizer que ela

vem de dentro. É que todo o canto brota de um princípio de alegria. Brota... e fá-la crescer, fá-la durar mesmo que fora, tudo seja «demasiadamente duro para se andar contente».

O princípio interior da alegria é mais forte do que a fonte exterior da tristeza. Vencidos pelos acontecimentos de fora, só aqueles que não têm uma faculdade interior de resistência e irradiação que se chama Graça.

A Graça rejuvenesce incessantemente «os princípios, sólidos como cepos» e torna-os capazes «de fazer prodígios». O grande prodígio é não acusar cansaço perante os obstáculos que os homens e a vida todos os dias levantam no nosso caminho. Pelo contrário, há uma necessidade de cantar onde e quando outros sentem o apetite de praguejar. Não que o que canta tenha uma sensibilidade morta ou anormal. Ele sente, como todos, «que isto é demasiadamente duro para se andar contente». Mas adapta-se, activamente se resigna a uma dureza que sabe não ser de todo inútil, evoca e logo invoca os seus hábitos de disciplina ganhos ao longo de 14 anos, justamente desde a idade da razão — e prepara-se para uma vida bem carregada de durezas, ainda agora mal principiada; prepara-se com uma cantiga nos lábios, que diz da sua fortaleza interior e a revigora pa-

ra as dificuldades de amanhã.

«Acredite que fico radiante quando alguém diz...»

E que irradiação ele provoca, para haver quem diga: — «Só queria ter a tua alegria; ainda não te vi uma vez triste!»

Que pena serem tão poucos os que descobriram o mistério da alegria mais forte do que as dores! Quem dera que nenhum de vós desperdiçasse a «fórmula» que vos dá este irmão: um coração puro; uma inteligência dominadora dos sentidos porque guiada pela Fé: uma alma em Graça.

Tribuna de Coimbra

Continuação da página DOIS

trinta, mais cem no Castelo; cem, mais cem, mais cem, mais noventa aos vendedores em Coimbra; cobertores e camisas de armazém atingido por incêndio; roupas e gaiatos antigos no Castelo; 50 à porta da Sé Nova; 500 à porta do Montanha, de advogado sempre de braços estendidos; cem, mais 20, mais 40, mais 10 em Santa Cruz; mil no aniversário de Senhora que tem feito de Obra um laço do seu servir a Deus.

Padre Horácio

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes